

**LUGAR DE TERRA: TERRITÓRIOS POÉTICOS, ATRAVESSAMENTOS
POLÍTICOS, ESPIRITUAIS E DE MEMÓRIA.**

Débora Caroline Viana Almeida¹ - UNIVASF
Luiz Marcelo Gomes Barboza² - UNIVASF
Sarah Hallelujah Vincentini de Sampaio³ - UNIVASF
Yane Rafaella de Andrade⁴ - UNIVASF

Poéticas do barro: reverberações dos procedimentos cerâmicos nas artes visuais.

Os processos poéticos e de pesquisa que culminaram na exposição *Lugar de Terra* surgiram no ano de 2017 a partir da observação de uma prática coletiva dentro do laboratório de cerâmica da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), localizada nos estados da Bahia e Pernambuco, no curso de licenciatura em Artes Visuais. O projeto de exposição coletiva foi contemplado em edital na Galeria Cañizares da Escola de Belas Artes (EBA) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). No presente texto explanaremos como este processo, provocou e mobilizou desdobramentos poéticos nas nossas produções que vão da prática em ateliê à uma produção teórica.

No laboratório de cerâmica o manusear afetivo da argila despertou em nós uma urgência territorial, possibilitando pensar nosso espaço de morada, de convívio, de trabalho e de lazer, o sertão do São Francisco. Espaço esse que possui dramáticas intensidades e que nos provocou a considerar o nosso “lugar de terra”, atravessado pela técnica cerâmica, numa preocupação também estética para estabelecer um diálogo com o território do Semiárido Brasileiro e médio São Francisco.

¹ Estudante do Curso de Licenciatura em Artes Visuais pela UNIVASF. Estagiária na Diretoria de Arte, Cultura e Ações Comunitárias (DACC). E-mail: deboraviana.amozonia@gmail.com

² Estudante do Curso de Licenciatura em Artes Visuais pela UNIVASF. E-mail: Luizmarcelogomesbarboza@gmail.com

³ Mestra em Processos Criativos nas Artes Visuais pelo Programa de Pós Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da UFBA. É também professora Assistente com Dedicção Exclusiva da UNIVASF - Universidade Federal do Vale do São Francisco. E-mail: sarahallelujah@gmail.com

⁴ Estudante do Curso de Licenciatura em Artes Visuais pela UNIVASF. Professora na rede particular de ensino. E-mail: yanne_andrade@hotmail.com

LUGARES POÉTICOS



Fig. 1 Detalhes de algumas das obras. Foto: Juliano Varela

Por meio da técnica cerâmica estabelecemos relações com a ideia de território, sendo que pra cada um a urgência territorial é uma e outra, ou muitas. Para Milton Santos, o “espaço é uma acumulação desigual dos tempos” (Santos, 2012). Na perspectiva de que esses territórios são múltiplos e subjetivos, que ocupam além do espaço geográfico o lugar da imanência, o entendemos coletivamente em formação e constante transformação.

Esse Sertão, atravessado pelo Rio São Francisco, formado pelo bioma caatinga habita em nós, com todas as suas contradições e seus estereótipos. Dentro de seus históricos processos de invisibilização no que se refere às ocupações das populações originárias, que, em detrimento de projetos econômicos não têm direito a demarcações dos seus territórios. É desse lugar, pouco visto, pouco falado e pouco conhecido que a instalação artística *Levantar Truká* (Déba Viana Tacana, 2017) consiste na ocupação espacial por meio de 20 peças de cerâmica com dimensões 90 X 35 cm dispostas em uma distância de 1,30 metro acima do chão em uma elevação até o teto . As peças apresentam a forma geográfica dos limites da autodemarcação da Terra Indígena dos Truká de Cabrobó-PE, povo do mito da “luz que anda”. Ao centro uma luz que corta toda a instalação até a base. As peças foram produzidas em argila terracota com queima de 1100°C. E se propôs pensar um contexto de crescentes violações dos Direitos Humanos aos Territórios Indígenas, com objetivo produzir um levantamento da vista sobre territórios ditos

invisíveis. O intencional movimento de deslocar o olhar para territórios suspensos é um esforço vertebral e epistemológico, sugerindo outras interpretações e relações espaciais, provocando compreensões de que lugares não ocupam apenas as extensões da superfície terrestre e que categorias como o tempo, lugar de memória, vazios são relevantes para compreendê-los. As fronteiras bem demarcadas nas peças vazadas sugerem as fragilidades das ocupações históricas e dos conflitos sociais ainda presentes na contemporaneidade. Levantar “Lugares de Terra” foi nesta obra uma proposição de engatinhar sobre terrenos pouco óbvios e fragmentados. Um caminho de estilhaços, poeiras e de cosmovisões que para muitos ainda é desconhecido.

Entendendo essa multiplicidade de potências do território a partir do pensamento de Jean-Marc Besse nos identificamos com as ideias das bordas, das lonjuras e das dobras do visível:

“Há em primeiro lugar essa parte invisível do espaço, que bordeja e extravasa constantemente o visível, e lembra o quanto a paisagem delimita um mundo e insinua em suas margens a presença de uma vida tumultuosa. Depois há o horizonte, as lonjuras, como sinal e anúncio de uma promessa, um apelo. Mas também, mais perto, os traços do mundo que se disfarçam sob o olhar, como um convite a explorar todos os detalhes, todas as dobras do visível, numa espécie de viagem interminável. Todos os pontos do espaço, as margens, os centros, o longe e o perto marcam essa insistência do infinito no finito que trabalha no interior da paisagem e a define.” (BESSE, 2014)

Sem dúvida a cerâmica foi nossa insistência e os nossos territórios, plurais, buscamos operar nossa prática nessas *dobras do visível*, “Lugar de Terra” percorreu todos os pontos do espaço e encontrou detalhes sensíveis à cada um. As formas trazidas para essa mostra entendem uma multiplicidade de argumentos estéticos e conceituais, é primaz perceber essas obras enquanto territórios sagrados ações e imagens/memórias .

Assim a instalação em cerâmica *Amalá: territórios de justiça, proteção e poesia*, (Luiz Marcelo Barboza, 2017), traz a comida/ritual oferecida aos Orixás Xangô, Iansã, Nanã e Obá, como forma de agradecimento por justiça e proteção. Esses Orixás são materializados nos elementos da natureza; o fogo, a lama/barro, os raios e as tempestades são características dessas divindades. O quiabo, vegetal que quando utilizado pelos povos de terreiros carregam uma infinidade de significados de fé, segundo a cultura ancestral dizem os mais velhos - “quem come quiabo não

carrega doença”. Essas simbologias reúnem os elementos que são característicos aos Orixás e são fundamentais na materialização dos objetos em cerâmica, a terra e água que quando aquecida pelo fogo criam corpos que simbolicamente representam a resistência dos territórios sagrados de candomblé no Vale do São Francisco bem como a interligação entre o sagrado, o profano e o solo dos terreiros onde é proveniente a dança dos Orixás, a colheita do alimento sacro e o cultivo das ervas que curam, banham e alimentam. Utilizar a cerâmica enquanto ligação e potência material de centralidade no debate sobre Arte negra e religiosa, através do barro mesclado com outros elementos da natureza e coletados nos territórios de fé, resistência, afeto e história negra. Sendo assim, Pensar a Arte Afro-brasileira no Vale do São Francisco de maneira a centralizar discussões políticas, sociais e culturais relacionadas, a desterritorialização do negro e da negra ao longo da história- explorando a religiosidade Afro-brasileira como matéria e poesia de visibilidade e ressignificação do território do candomblé e umbanda, utilizando a apropriação de elementos da natureza como a terra, a água, o fogo e as folhas, elementos fundamentais nos rituais sagrados e de conexão com os Deuses e divindades ancestrais. Por este viés, Amalá: territórios de justiça, proteção e poesia consiste em uma instalação de 1.000 quiabos em cerâmica e chamote, que formam um portal de proteção e ligação entre o sagrado, os Deuses ancestrais, a resistência dos povos de terreiros no Vale do São Francisco e a luta cotidiana dx Negrx pela sua (r)existência.

Este mesmo lugar de terra, transita por diversas memórias, sejam memórias afetivas, vividas, simbólicas, de luta. E todas as inquietações e urgências sobre essas memórias afetivas, foram traduzidas na obra artística *Mapas de memórias guardadas* (Yane Andrade, 2017) que tem como matéria a argila/barro/cerâmica que está presente historicamente nas construções de memórias de vários povos, já que foi utilizada como principal material na construção de casas, instrumentos, e utilitários. Essa matéria, se relaciona diretamente com a ideia de território, de caminhos, lugares, principalmente, por transportar-la para várias memórias afetivas, que no decorrer da minha vida fui guardando, memórias essas que contam muitas histórias do meio familiar, do círculo de amigos. O barro está presente desde de muito cedo nessas memórias, algumas da avó cozinhando em suas panelas de barro e parando para ensinar a fazer as próprias panelas ou a casinha de pau-a-pique da fazenda do avô, em Patamuté. É principalmente desse território de memórias que a obra trata. No decorrer do processo de instauração dessa obra houve uma busca em construir novas memórias, a escolha foi o Vale do São Francisco, lugar que vive, passou a caminhar pelo Vale e nessas caminhadas passou a recolher objetos nesses percursos, que acabam por construir uma sensação de pertencimento, não só ao objeto recolhido, mais ao lugar de onde foi

coletado. Assim, recolher objetos (pedras, plantas, coisas que me chamam atenção) e marcar a localização dessas coletas na argila assim como o percurso que foi realizado, funciona como se pertencesse e perdurasse em memória de encontros por meio da cerâmica. Peregrinar pelo Vale, ir sem rumo, apenas com o objetivo de caminhar por caminhar, conhecer lugares, notar outros, conhecer pessoas, cultivar essa vontade de continuar a andar sem rumo cada vez mais, é sentir pertencente a algum lugar. E a obra, é exatamente o registro poético dessas memórias adquiridas nesse percurso de autoconhecimento, dos lugares e nessa busca por novas memórias. Constituída de 22 placas de cerâmica com tamanhos que variam de 10cm à 80cm, em argilas tabaco e terracota, queimadas em temperaturas que variam de 1000°C à 1240°C. Cada placa consta um trajeto percorrido, outro elemento presente nas placas são as localizações dos objetos recolhidos durante os percursos. por fim, guardar memórias é um gesto simbólico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do espaço praticado, configuramos lugares, olhares investidos sobre o território, lançados a esse Lugar de Terra: que nos propõe um levantamento da vista sobre territórios ditos invisíveis; traz-nos um olhar cheio de marcas de passagem, lembranças e imaginário; tenta criar uma ligação entre os territórios sagrados como em um devir oferenda; recolhe localizações para guardar memórias de pertencimento e que pensa a resistência enquanto petrificação do que era vivo. Da urgência que emanou de um coletivo surgiram intensidades muito específicas questões que reverberam em nós, problematizações universais que nos transbordam e ainda nos atravessa e movimenta.

REFERÊNCIAS

BESSE, Jean-Marc. Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. São Paulo: Perspectiva, 2014.

SANTOS, Milton. **Pensando o Espaço do Homem**. Edusp.2012

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Ed. Difel 1983

**COM
ARTES**

I Congresso de Artes, Ensino e Pesquisa
Margens em Desvios: Sistemas Políticos e
Poéticos da Arte no Semiárido Nordeste

